

Dragão propaganda¹

Vladimir Nabokov

Apresentação e tradução de Alison Silveira Morais²
Universidade Federal de Santa Catarina

“Já fiz de tudo com as palavras
Agora eu quero fazer de nada”
(Theodor W. Adorno)

Esta tradução foi pensada como uma adaptação, mas talvez, seria ela uma recriação? Partindo de um projeto tradutório que se atenta sobre os aspectos semânticos do original, com a tendência latente de se opor à tradução fiel do conteúdo, o vejo como Haroldo de Campos colocaria, uma “transcrição”. Para Campos, a tradução é e sempre será uma transcrição, pois:

Ao recriar, o tradutor se investe na função de autor e, embora tenha em mãos uma partitura e a ela deva ser fiel, interpreta-a como um novo criador, em pleno exercício de seus instrumentos sincrônicos. Autor e transcriador estão irmanados pelo viés sincrônico de uma mesma luz estética. (AMARAL, 2013).

Uma tradução, além de ser uma re/trans/criação, é também uma forma particular de criticar, dar vazão a questões ideológicas, idiossincráticas, sócio-políticas, e culturais, sendo um desafio hermenêutico por si só. Verter esta tradução (que posso aqui considerar intralingual) do Português no formato de um conto, para o “manezês” (uma variação do Português) em formato de poesia foi um desafio que se firmou na questão cultural mais do que qualquer outra. Utilizei um dicionário humorístico do “manezês” com alguns termos para auxiliar, mas minha vivência como um nativo da Ilha de Florianópolis, neto de pescador e de rendeira inseriu-se nos caminhos da função poética, modelando e moldando o texto, ou melhor dizendo “transcriando-o”.

Esta tradução, chamada “*Dragão propaganda*” é baseada no conto “*O Dragão*” presente na Coletânea “*Contos reunidos*” de Vladimir Nabokov, publicado em 1995. O livro é uma coleção póstuma de todos os contos (exceto o “*The Enchanter*”) do autor.

¹ Adaptação do conto “O Dragão”, de Vladimir Nabokov, para o dialeto regional manezinho da ilha de Florianópolis. [N. do T.]

² Escritor, tradutor e ilustrador, é bolsista CAPES e discente no Programa de Pós Graduação em Estudos da Tradução na Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: alison-s-morais@hotmail.com.

Alguns deles já haviam sido publicados em revistas como *The New Yorker* e a revista literária *Atlantic Monthly*, outros em jornais como o russo *Rul'*, no entanto, há quatro contos inéditos, que não haviam sido publicados e em alguns casos, nem sido ainda descobertos, “O Dragão” faz parte desta lista de contos inéditos. Vladimir Vladimirovich Nabokov (1899 – 1977) foi um etimologista, escritor, poeta e tradutor russo. No início de sua carreira escrevia somente em russo, e foi a partir de sua mudança para os Estados Unidos em 1945 que obteve reconhecimento mundial após o lançamento de seu *opus magnum* “*Lolita*” (1955) e mais tarde o “*Fogo Pálido*” (1962).

O motivo de adentrar nesse tipo de “aventura linguística” para essa tradução foi devido ao meu primeiro contato com o livro “*O Fantástico na Ilha de Santa Catarina*” de Franklin Cascaes em 2017, nele, muitos elementos me chamaram atenção. É um livro de contos que explora os “causos” de bruxas na Ilha de Florianópolis. Franklin Joaquim Cascaes (1908 – 1983) foi um grande pesquisador da cultura açoriana, folclorista, artista plástico, antropólogo e escritor brasileiro, um verdadeiro “manézinho” da praia de Itaguaçu. Seus contos são escritos com linguagem fonética, com o intuito de representar a **fala** do povo nativo, e para isso ele se desdobra em um grande explorador metuculoso das limitações linguísticas, muitas vezes extrapolando-as.

Há traços de simplificação de palavras em seus contos assim como nesta tradução em exemplos como “trôce/(trouxe)”, “sixgueláva/(se esgoelava)”, “cua/(com uma)”, “ua(x)/uma(s)”; as simplificações com a ajuda de acentuação como nos casos de “moxtrá/(mostrar)”, “guxpí/(cuspir)”; as nasalizações “inxtranha/(estranha)”, “inxplorando/(explorando)”, assim como principalmente as desnasalizações, como em “fizerô/(fizeram)”, “fextejaro/(festejaram)” e “acordaro/(acordaram)” entre muitos outros elementos que carregam o texto de regionalismos e uma carga de humor.



“O dragão covarde”. Ilustração de Alison Silveira morais.

Dragão propaganda

Seu ôvo ixtorô cuajuda da tempextade
Um raio fumegante li trôce a liberdade
Um calhau dum Dragão dixtruidô de cidade
Ua fama que ía ter que dá continuidade

Sua mãe, rainha “Dragona”, a última de sua linhági
Era arrenegada e queria moxtrá o terror de sua imági
De ua vereda, tacava fogo com ua baforada, dixtrua
Era ua tinhosa, o cáux que o rei tanto temía

A Dragona queria de insiná seu filhóti
Que era banzo, franzino e baixote
Máx ela já imaginava ele poderoso e forte

Um monxtrengo de gigante e enraivado como um bode

Máx, o tempo trôce a Dragona só decepção
Sua cria crescia rápido, máx era um bobalhão
Tanso! Nunca que aprendia ua lição
Nem guspí fogo derêto, que aflição!

Nua caverna era onde moráva os dragõnx
A Dragona trazia comida de cada uma dax suas invasõnx
Trazia bicho, verdurax, fruta, unx perdido na floresta, e demáx fanfarrõnx
Máx o ixcumungadinho do Dragão, seguia cagão e sem ambiçõnx

Nua noite de Natáli, a Dragona avuô adiante na cidade
Áltax noite baita pra um ataque, ua festança até tarde
Sem nem pixcá, ela cobriu o céux cua labareda flamejãnti
Devorou um bucadi gente, rico, pobre, gênio, ignorãnti

De bucho cheio, depôx do banquete, voltô avoando pro seu “ninho”
A Dragona tava bêbada, causoque ua cambada tinha bebido vinho
Tava ela meio zonza e cochilou cum vento friozinho
Ah não barbaridade! Era o disaxtre a caminho

Um soldado mercenário, que o rei tinha de contratado
Seguiu a Dragona nu seu vôu arquiádo
Em sua armadura ixcura cavalgava disinfreado
Até que incontrô o ixconderijo secreto da féra e se sentiu se corajudo

A Dragona roncava e dormia um sono embriagado
O soldado viu a oportunidade de sua vida, hipnotizado
Firmô com força a pexêra de cabo pratiado
E dêuli um golpe no coração, ixperançado

A Dragona arregalô ux olhox dirrepente
Ua dor latente, suax vixta embaçarosse, já o sangue em vertente

O soldado carcô o pé de pavor, um presepêro insolênte
Um boca de gamela, não passava dum demênte

O soldado voltô pro reino com o coração da Dragona e já avisáru rei sobre sua façanha
O rei convencido e um bucado emocionado, nomeô ele herói da Bretanha
O cabeça de porôngo virô comandante do ezército em suax campanha
Seu nome, por anox, foi venerado nox vale, planíce e montanha

O que ninguém sabia
Era que o ixtepôzinho do Dragão covarde, no fundo dax caverna se ixcondia
Ficô tromatizado com soldado em armadurax adipôx daquela noite fria
O Dragão virou órfão, e como o futuro desse boca mole ficaria?

Mil anox se passaro, o Dragão cresceu tendo que se virá
Se impanturrando de passarinho e murcego lá de dentro, melancólico a chorá
Se pelava de medo de sair da caverna, medo de caçá
Cabô de ficando duente, tava fraco e precisava de ar, então resolveu se arriscá

Quando saiu na lux, fêx ua carranca e sentiu calor, sensação inxtranha
Ele tinha mesmo criscido, Dragão verde do tamanho dua montanha
Suax pegada fazia uax craterax, patas que esmagaria ua dúzia de cavalos dua vêx só
Era capáx de botá tudo abáxo, tranxformá ua cidade inteira em pó

Tava fascinado com o verde do vale e se sentiu-se contênte
A primeira côsa que viu foi um trem aligerado entrando num túnel, potênte
Bateu as baita asax e seu inxtinto avisô sobre seu poder inerente
Saiu voando como foguete, inxplorando o vale até de noite, e dirrepentemente...

Chegô ao antigo reino, que djaôje era ua uma cidade induxtrial
Quóse ninguém nas rua, todax ax lojax fechadax no centro comercial
O Dragão foi visto só por um guardinha de plantão, um policial
Que morreu com o cagaço, caiu duro com o susto bestial

O Dragão fêx ua farra e achou ingraçado

Se sentiu-se confiado e não máx ameaçado
Comparô a fragilidade dux humanox com seu corpo incoraçado
E le deu na talha de atacá um prédio qualquer, pôx ixtava ixfomiado

Com um tapaço arrancô o telhado dua taberna onde ua cambada enchia a cara
E devorou váriox humano que lá estava
Nem ouvia ox pobre coitado que suplicava
Também não viu o dono do bar e o filho que pelos fundilhox sixcapava

Esses doix largux fujõnx correram pro primeiro prédio que tinha no caminho
Entraro na fábrica Milagre e deram de cara com o dono mexquinho
Contando dinhêro sozinho
Enquanto o dragão comia o bar inteiro, e como sua mãe, ficou bêbado de vinho

Aliáx, nessa cidade, tinha duax figuras principaix
Os donos dax fábrica de tabaco “Milagre” e fábrica “Grande Elmo”, e eles eram riváix
O dono da Milagre observou o Dragão e pensou ter bebido demaix
Não morreu de susto e teve uma ideia fugax, tentar fazer o que ninguém seria capáx

O Dragão tava puxando um ronco no meio da cidade
E o dono da fábrica de tabaco arrancôsse para pegá unx cartax da Milagre
Contratou os fugitivox pra fazê um trabalhinho de alta periculosidade
Aligêro e carregando unx balde de cola, o dono sixgueláva: “Vamo lucrá de verdade!”

Chegaram até a fera mandriona e viram aquela enorme pança
Deve de ter comido até dá ânsia, max isso não tinha importança
O dono, movido na ganância, ordenava com intolerância
E ux capaxo colava propaganda da Milagre em todo corpo do Dragão, que petulância!

“Só ux nó cego não fumam ux cigarro Milagre” era o que se lia nux anúncio de tabaco
“Milagre faz o ar virá pé de moleque” com a cara ixtampada do dono velhaco
O Dragão dormiu até acordá e seu peso criou um rombo na ixtroda, um baita buraco
E ax pessoa acordaro tudo e começaram a sair dux barraco

Em pôcox minutos fizero ua roda de ao redor do Dragão
(Ua raça de toda a cidade) ua multidão
Tudo unx curioso achando que era ua mánica gigante ou um balão
O Dragão começou a se arrevirá, enjoado de ressaca abrindo ox olhox com lentidão

Quando se alevantôsse, ax pessoa batêro palma, e facêrox o observar o
Foi quando ua fanfarra contratada pelo dono da Milagre apareceu, e todos festejaro
Um Dragão feito de bêxta! Cheio de propaganda, que aberração!
Um Dragão daquele todo grogue, ajojado no meio daquela celebração

Já na Grande Elmo, andava o dono de lá pra cá, tudo atucanado
Futurando sua falência, de estrombo embrulhado
Ralhava alto pra rapariga sua namorada “Cabô-se! TO ARROMBADO!”
Max ela teve ua idéia: “deve de ser um boneco de retalho, ou balão bem amarrado!”

“Ô mô quirido vou lá no circo, preciso falar com a diretora, minha amiga amada
Não vamoX deixá assim nossa ixtimadinha Grande Elmo, largada”
No circo tinha um repetáculo chamado “A Juxta Ixpada”
Onde um palhaço vixtido de soldado medievali se amoxtrava em uma montaria armada

Bem, ele aceitô o desafio, furar um balão de Dragão cua lança e acabar com o carnaval
A namorada futurava: “Acabar cua farra e ainda máx com nosso rival!”
Ele ixperava na frente deatedrali, um soldado com um grande Elmo oval
Se ajetando para dale um cagaço cuaquela armadura de metal

O marmanjo carregava cartazex que dizia “Grande Elmo bate colqué um” no peito
Tava pronto pra dá um carrerão no balão, seria um grande feito
Máx o seu cavalo ficô dirrepente assustado
Quando dixlumbrô a fera gigantexca e se arrancôsse disinfreado

Porém, mesmo sozinho, o palhaço vixtido de soldado, quando avixtado pelo Dragão
Causôle um calafri horroroso em seu coração
Ua quentura, um trimilique, um medo, aflição
O palhaço que pra muitox era motivo de chacota, pro Dragão era sua perdição

Suax grandex pernax ficaro bamba e se sentou-se exmagando um bucado de gente
Como tinha sido tolerão e imprudente!
Saiu voando axincalhado para longe daquele soldado que em sua frente apareceu
Batento ax asa percorreu o caminho de volta até a caverna, e morreu!

A Milagre faliu mexmo e a Grande Elmo ganhou o mercado, e foi isso que aconteceu.

REFERÊNCIAS

NABOKOV, Vladimir. *Contos reunidos*. Tradução de José Rubens Siqueira. Edição 1. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2013.

CAMPOS, Haroldo de. Tradução, Ideologia e História, em *Cadernos do MAM*, n.1, Rio de Janeiro, dezembro de 1983, apud SANTAELLA, Lúcia. Transcriar, Transluzir. Transluciferar: A Teoria da Tradução de Haroldo de Campos. In: MOTTA, Leda Tenório da (org.). *Céu acima: para um “tombeau” de Haroldo de Campos*. São Paulo: Perspectiva, 2005, p.221-232.

AMARAL, Beatriz Helena Ramos. Haroldo de Campos e a tradução como prática isomórfica: as transcrições. *Eutomia, Revista de Literatura e Linguística*, volume 1, n. 11, 2013, p.261-268.